

CULTURA DA SOLIDARIEDADE: BUSCANDO UMA SOCIEDADE JUSTA E ÉTICA NO DESENVOLVIMENTO DO PROTAGONISMO JUVENIL

Alessandra Regina Pelizzaro Trombetta – Colégio Marista São Francisco
Juliana Aparecida Golfe Rauber – Colégio Marista São Francisco

Eixo temático: Educação, diversidade e justiça social

RESUMO

Este artigo relata uma experiência de prática solidária desenvolvida com os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio Marista São Francisco, envolvendo a região do bairro São Pedro de Chapecó. Nosso principal objetivo foi incentivar os alunos a uma reflexão/ação em relação às situações de vulnerabilidade social pela qual passam vários cidadãos. Na tentativa de oportunizar reflexão e a ampliar o espírito de solidariedade dos alunos, iniciou-se na disciplina de Ensino Religioso em parceria com o Núcleo de Pastoral, iniciativas de fazer algo pelo próximo, no intuito de pensar a nossa própria maneira de viver a vida. Em visita realizada para conhecer o cenário de nosso projeto, os alunos decidiram que havia muito por fazer e que precisariam optar por uma das famílias mais necessitadas. Perceberam que a desigualdade social é imensa e que pensando na coletividade precisamos ter o olhar da unidade, trabalhando juntos nesta missão. Definiram-se algumas ações, entre elas a mais significativa será a construção de uma nova casa. Neste sentido, o agir pedagógico para solidariedade precisa atingir uma dimensão que transcenda a generosidade assistencialista permitindo avançar na perspectiva da cooperação e da partilha. Os alunos presenciaram uma realidade distante da qual estão inseridos, e ao mesmo tempo, muito próxima quando comenta-se que todos os cidadãos tem direito a uma vida digna. Dar a cada um o que lhe é devido é uma questão de justiça, é uma atitude solidária.

Palavras-chave: Vulnerabilidade Social. Solidariedade. Iniciativa. Coletividade. Transformação.

1. INTRODUÇÃO

A situação social que temos hoje, segundo o documento “Evangelizadores entre os jovens” (2011), não é apenas pergunta, mas resposta resultante da realidade em que vivemos. Realidade em que a concentração de renda nas mãos de poucos exclui uma generosa parcela da população que sofre com a fome e a miséria. Estas pessoas vivem vulneráveis a situações que acabam por incriminá-las, é um tremendo círculo vicioso, onde não é possível ter melhores expectativas de vida, a prostituição, o roubo, as drogas são realidades difíceis de reverter sabendo que é parte do cotidiano dessas famílias.

Querer, desejar uma vida melhor, por certo faz parte dos sonhos dessa parcela da sociedade, mas as portas que encontram para procurar resolver seus problemas estão na maior parte fechadas diante da realidade em que vivem. Emitir juízo em relação à presença ou

ausência delas desejarem uma vida melhor e lutar por isso, é fácil para quem está fora daquela vivência.

Nada melhor do que adentrar estes espaços desfavorecidos e conhecer a história de vida familiar que há gerações vem se repetindo para compreender que as oportunidades de mudança que a sociedade oferece tornam-se pano de fundo de campanhas publicitárias e eleitorais, são inúmeras, porém todas com pré-requisitos que estas pessoas não conseguem preencher.

Para que os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio Marista São Francisco, de Chapecó, SC, compreendessem como é encarar essa difícil realidade em que a bandeira levantada não é viver a vida, mas sim sobreviver a ela, foi que nasceu o Projeto Cultura da Solidariedade. Desmistificar algumas ideias consolidadas em nosso meio não é tarefa fácil, requer comprovar aquilo que é bem dito pela teoria. Ser solidário não é doar aquilo que não serve mais na minha vida, a vida do outro precisa ser vista com a mesma dignidade, que é direito de todo ser humano.

2. DESENVOLVIMENTO

Pensar em solidariedade, nos faz adentrar este mundo onde o efeito globalizado se traduz consideravelmente nas mudanças significativas das vidas dos indivíduos pertencentes a um sistema social e político que ao mesmo tempo em que inclui, exclui, sendo perversos com aqueles que resistem.

Aí surge um grande desafio para que (re)pensemos o papel do cidadão dotado de direitos e deveres e amparados por lei. Então, o que realmente significa ser cidadão nesta sociedade? Ou melhor, o que significa estar num meio educativo e discutir cidadania? São desafios que como educadores nos impelem a contribuir no desenvolvimento humanitário e para uma educação que proporcione meios à reflexão e mudanças de postura em prol de uma transformação que volte o melhor para a grande massa desprovida de uma vida mais plena.

Dizer que somos solidários parece estar virando jargão em nossa sociedade. Doar, dar ao outro aquilo que para mim já não é mais necessário, não pode ser encarado como um favor que presto a quem me é semelhante. Segundo texto do MEC, temas transversais (6º ao 9ºAno), citado pelo autor Hugo Assmann (2000, p.70), “Não se é solidário apenas ajudando pessoas próximas, ou engajando-se em campanhas em socorro a pessoas depois de um terremoto ou enchente”.

No Colégio Marista São Francisco, iniciamos o ano letivo refletindo sobre o tema da Campanha da Fraternidade, proposta lançada pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) que convida-nos a aproveitar o período de quaresma para (re)pensar nossas atitudes no intuito de transformarmos o cenário de nossas vidas. Nesses momentos, muito é discutido e temos percebido que a teoria e a sala de aula estavam limitadas demais para nossos alunos que repetiam sempre as mesmas ideias: fazer campanhas para arrecadar donativos que seriam distribuídos aos carentes. Lembrando ainda que na opinião da grande maioria, ser pobre era opção de vida, pois empregos teriam muitos, o que faltava era vontade por parte deles para trabalhar, preferiam ficar sem fazer nada.

Na tentativa de levar os alunos a ampliar o espírito de solidariedade nas relações com o próximo, iniciaram-se reflexões na disciplina de Ensino Religioso em parceria com o Núcleo de Pastoral em torno do sentido de ser solidário, onde surgiram iniciativas de fazer algo pelo próximo, refletindo a nossa própria maneira de pensar e viver a vida.

Percebemos que na opinião dos alunos, situações mais gritantes de desigualdade social não é realidade de cidades pequenas como a nossa esta situação aconteceria apenas nos grandes centros urbanos ou em países miseráveis. Essa purificação do olhar, sentir e agir, passa pela sensibilidade do coração, onde esse encontro dos sentimentos dá espaço para a empatia, a compaixão que não se reserva a um mero intelectualismo. Às vezes nos perguntamos: tantas discussões, reflexões, ações e alguns sujeitos não são atingidos, já que muitas vezes esse descaso com o mais empobrecido é tão visível aos olhos? Pode ser que a resposta esteja nessas breves palavras de Assmann (2000, p.134) “Quem olha com os olhos da cultura dominante não consegue ver”.

É importante salientar que o termo solidariedade, não representa apenas um ato de bondade daquele que dá ao mais necessitado, e nem um ato de satisfação de quem o recebe, mas sim, que este alcance e perceba a potencialidade do ser pessoa na sua essência. A escola tem o papel de resgatar os valores possibilitando que o aluno valorize os laços de fraternidade olhando para além do que é simplesmente efêmero.

Tendo as discussões da Campanha da Fraternidade como oportunidade de reflexão e a proposta lançada neste ano de 2011 pela UMBRASIL (União Marista do Brasil) de fazermos deste um ano para reavivar a presença de Maria, mãe de Jesus, inspiração de São Marcelino Champagnat, fundador do Instituto Marista, um Ano Mariano, com o convite “Ide depressa com Maria para uma nova terra”, pensando em comemorar os 200 anos que a instituição completará em 2017, foi que estendemos o convite aos alunos do 8º ano para o desafio de compreender que a “nova terra” só será possível se a mudança na nossa maneira de

perceber a realidade acontecer. A palavra chave foi “transformação”, propomos a tentativa de transformar nossas concepções quebrando paradigmas que a muito tem se fortalecido.

Aceito o convite, elegemos com as turmas uma amostra de três alunos por turma, nove no total, para irmos a uma comunidade próxima ao colégio. Esta região adquiriu ao longo dos anos a fama de local perigoso, concentração de drogas e “maus” elementos e onde está um alto índice da população chapecoense em estado de miséria.

Incentivando o protagonismo, a ideia inicial era que conhecessem como vivem as pessoas daquela localidade e que propusessem algo para transformar suas vidas, ou de algumas delas. Os alunos que foram para esta missão tinham o compromisso de serem disseminadores da experiência aos colegas para que no coletivo decidissem o que eles, com a possível ajuda de seus familiares poderiam contribuir. Vale lembrar que no início as ideias dos alunos eram arrecadar donativos para distribuição de cestas básicas, agasalhos e cobertores que pudessem amenizar o rigoroso inverno que iniciava.

Neste sentido, o agir pedagógico para a solidariedade precisa atingir uma dimensão que transcenda a generosidade assistencialista permitindo avançar na perspectiva da cooperação e da partilha.

A educação solidária suscita direitos, desenvolve no educando a capacidade de experimentar as diferenças, os limites e as frustrações. Naturaliza as negociações de significado e sentidos e a mediação como estratégia de convivência (CURRÍCULO EM MOVIMENTO PROJETO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 2007, p. 74).

É preciso educar o ser na sua totalidade, elaborando experiências profundamente humanas. Como Maristas nos preocupamos com a formação acadêmica dos alunos e de modo especial para que eles desenvolvam a sensibilidade para questões sociais, envolvendo assim, a formação voltada aos valores na transformação pessoal e coletiva.

A escola é um sistema aberto em interação com o meio, suscetível às tensões, conflitos, desequilíbrios e estratificações que permeiam a sociedade. É vivendo e interagindo na escola que aprendemos a viver e interagir fora dela, na vida (PROJETO MARISTA PARA O OFÍCIO DE ALUNO, 2010, p. 26).

Feito os encaminhamentos necessários para sair do colégio com os alunos em período de aula, partimos para a nossa missão. As ideias que tinham foram se modificando tão logo adentramos pelos bairros, a maioria nunca tinham ido até lá. Os comentários começaram a tomar rumos diferentes diante daquilo que viam. A realidade grita por socorro. Não tardou para que surgisse a grande sacada: “como a pobreza é muita, que tal se escolhêssemos uma família das mais necessitadas e construíssemos uma casa para ela?” Era encantador ver como

em minutos de contato eles perceberam aquilo por anos às vezes não é visto dentro das paredes escolares. Perceberam que procurar um trabalho, conseguir um emprego, não era tarefa fácil para aquelas pessoas que sobreviviam a uma vida distante de ser considerada digna.

Os alunos foram olhando para as moradias e estabelecendo critérios que pudessem ser considerados na escolha de quem de fato estava em pior situação. Os critérios eram em relação à arquitetura das casas: tem assoalho? piso? banheiro? paredes? água encanada? luz elétrica? E assim por diante. Paramos para conversar com algumas pessoas que estavam nas casas por hora escolhidas.

As famílias que conversamos são de catadores de lixo. O lixo que para nós é fim, para eles é início, é possibilidade de sobrevivência. Vendem este material nas cooperativas de reciclagem que localizam-se próximas às suas moradias, quando não, armazenam o lixo recolhido nas próprias casas (o que reúne ratos e baratas). O valor recebido com a venda desses materiais é insignificante, primeiramente por que depende de nós, ou seja, da maneira como separamos e descartamos o lixo que produzimos. Dependendo do número de filhos, algumas famílias complementam a renda com o “bolsa família”, programa em que precisam estar cadastradas.

O conceito de solidariedade possui dois sentidos, que estão ao mesmo tempo em que estão interligados, são distintos. [...] O primeiro é a solidariedade entendida como fato e uma interdependência na vida social, conceito associado à coesão social. [...] O segundo é um chamado à superação da exclusão e da segmentação sociais através de uma educação que contribua para a aprendizagem de competências de caráter geral e que leve as pessoas a praticar a solidariedade. [...] Estes dois sentidos estão interligados na medida em que a solidariedade como atitude, ou a solidariedade como uma questão ética, nasce do reconhecimento de que a solidariedade/interdependência é um fato, uma necessidade para a vida da e na sociedade (ASSMANN, 2000, p. 74-75).

O que de mais importante foi compreendido, é que nossos julgamentos são extremamente contraditórios a realidade que de fato enfrentam. É fácil dizer que não trabalham por falta de vontade por preferirem ficar em casa esperando ganhar pronto e gratuito. Difícil é compreender, e foi isso que os alunos compreenderam, que não é possível empregar alguém que não tem sequer água encanada para banhar-se ou para lavar suas roupas. Discutiam com os colegas, como querer que saibam limpar o chão, por exemplo, se não o tem na própria casa e nem nunca tiveram, pois vivem num círculo vicioso que a gerações a situação de miserabilidade social é a mesma. Para piorar, são pais de crianças que terão um futuro muito semelhante ao deles se nada for feito.

Neste momento percebemos a importância da escola processar em seu projeto político pedagógico, questões que abracem a realidade social, discutindo e organizando espaços que promovam e eduquem para o exercício da sensibilidade solidária. Não basta sentir compaixão ou mesmo desenvolver um conhecimento a respeito do assunto, é preciso conhecer a realidade.

A proposta de trabalho levada pelo grupo aos colegas foi de melhorar a condição de moradia de três famílias. Após partilharem a experiência, escolheram duas para ajudar. Levaram as ideias para casa e de lá trouxeram sugestões e apoio dos familiares.

No momento inicial do projeto enfrentávamos o início de um rigoroso e chuvoso inverno, então, para começar, levamos alguns donativos em várias oportunidades, para amenizar o frio e fome, porém conscientes de que não teriam como zelar por esses bens diante da situação precária em que vivem. Isso foi feito por que alguns alunos em especial, ficaram bastante abalados emocionalmente, perdiam o sono nas noites de chuva forte e chegavam ao colégio com cobertores e colchões, pois lembravam que os daquelas pessoas deviam estar totalmente encharcados e sem condições para serem lavados.

Enquanto isso, realizamos contato com os órgãos municipais responsáveis por estas situações sociais em busca de saber os caminhos legais que precisávamos percorrer para a possível construção ou reforma das casas escolhidas. Frustramos-nos muito com a demora e o descaso por parte de alguns. O jornal Sul Brasil que veicula em nosso município, noticiou em 17/06/2011 que segundo dados atualizados do IBGE, Chapecó possui 263 lares na linha de extrema pobreza na área urbana e rural, e que só a partir desta informação, a FASC (Fundação da Assistência Social de Chapecó) irá rastreá-los para tentar realizar ações em seus benefícios. Esta situação revoltou muito os alunos.

Aquilo que poderia desmotivar acabou por alimentar o desejo de mudança em nossos alunos que estavam cheio de ideias e boa vontade. Tiveram algumas iniciativas como arrecadar materiais recicláveis e vender, para com o dinheiro contribuir com a obra (isto está sendo um sucesso). Exatamente nesta época, o programa Fantástico fez uma matéria que motivou o espírito solidário de nossos alunos. A matéria veiculada era sobre a juventude brasileira, e foi ao ar em 19/06/2011, contando sobre uma pesquisa que trouxe respostas para as perguntas: “Qual é o grande sonho dos jovens de hoje? O que eles querem da vida? O que esperam do futuro do país?” Os dados apontam que 77% dos jovens acreditam que seu bem estar depende do bem estar da sociedade onde vivem. Assim, confirma-se que o gesto de pensar primeiro em nós cede espaço para pensar em quem precisa mais do que nós, e nos lembra a máxima de Jesus: “Amai-vos uns aos outros e vocês serão felizes”.

Quando mencionado acima a escola como espaço que contribui para o aumento de práticas solidárias, é essencial que amplie-se a formação e que a comunidade educativa seja interlocutora nesse processo, através de discussões que envolvam um olhar ampliado, posturas participativas e dispostas a estabelecer redes de interação e cooperação uns para com os outros, superando a ética da sobrevivência pela ética da dignidade.

Também uma entrevista feita com o Irmão Emili Turú para a revista Brasil Marista (Edição 03. Fev/2011), contribuiu nas discussões que realizamos. Onde o Irmão fala que o grande desafio seria criar pontes entre esses dois mundos (pobres e ricos enxergando com um olhar crítico e solidário as várias realidades. “A formação de bons cristãos e de virtuosos cidadãos é aquela que coloca o sujeito no centro da ação educativa, como protagonista, capaz de transformar a realidade à sua volta”.

Nos contatos que realizamos descobrimos que as duas famílias escolhidas para serem ajudadas não seria possível pois, construíram sua moradia em área irregular. Tão logo a prefeitura consiga, serão removidas para outro local. Onde estão é considerado não há possibilidade de saneamento básico, não tem água e nem luz elétrica. Segundo as palavras das pessoas que nos atenderam “elas tem que ter paciência, pois tem muita gente nesta situação esperando por ajuda, uma hora chega a vez delas”.

É este sentimento de “ter que esperar” que revolta, sabemos muito bem que a fome e o frio não esperam. Estamos auxiliando nos trâmites legais para que estas famílias possam ter seu cadastro regularizado com a secretaria da habitação e o mais breve possível possam receber um terreno para construir ou talvez já com a casa. Nossa preocupação é que o cadastro requer carteira de trabalho registrada, e aí voltamos ao fato de que não é possível alguém conseguir emprego na sujeira em que vivem sem ter onde sequer fazer a higiene pessoal. Estamos acompanhando estas famílias.

Na verdade o papel do cidadão vai além de garantir soluções imediatas a um problema. Está ligado ao exercício da cidadania a partir de atitudes reflexivas que interfiram na própria maneira de pensar e fazer políticas públicas.

Por sugestão da secretaria da habitação fomos conhecer a realidade de outra família, que já tem o terreno na mesma região das outras, porém está em área regular. Esta família que hoje é composta apenas pela mãe e um filho com problemas de saúde há muito tempo recolhe da rua andarilhos que de certa forma são rejeitados por suas famílias para cuidar. A senhora, proprietária da casa, diz sentir-se chamada por Deus para ajudar o próximo. Até bem pouco tempo fazia isso voluntariamente repartindo o pouco que tinha. Após algumas ajudas, conseguiu participar de um projeto da FASC (Fundação da Assistência Social de Chapecó)

que chama “Família Acolhedora”. E há poucos meses começou a receber ajuda financeira para poder cuidar melhor destas pessoas.

Esta senhora conta com mais de 60 anos, cursou apenas a 4ª série do Ensino Fundamental, sua casa tem água encanada e luz elétrica, porém, durante o dia, as generosas frestas que compõe as paredes e o telhado, dão oportunidade perfeita para o sol entrar, bem como muita água em dias chuvosos. Nem precisamos lembrar então do vento em dias frios, e todo o perigo decorrente da falta de estrutura. Apesar da pobreza, encontramos neste lar muito amor e fé em Deus.

Alguns passos interessantes foram dados organizando um novo grupo de alunos do 8º ano para visitar a casa e fazer a partilha com os colegas. O material para a socialização foi organizado por eles próprios.

Alimentar o sentido de esperança é deixar-se invadir por um desejo de sensibilidade solidária em relação ao que vai além de si próprio, realimenta o desejo de uma sociedade mais acolhedora, humana onde as redes de solidariedade sejam aprimoradas.

Fizemos uma reunião no colégio com a senhora, a Assistente Social que acompanha o seu caso (responsável pelo projeto “Família Acolhedora”) e alguns representantes das turmas do 8º ano. Combinamos encaminhamentos necessários para podermos pensar na reforma ou construção (se tivermos que fazer tudo de novo) da casa. A Assistente Social responsabilizou-se por agilizar verba para que a senhora possa quitar a pequena dívida que ainda tem com a compra do terreno (foi solicitação nossa que imóvel esteja quitado e que o valor seja encaminhado pelos recursos financeiros da prefeitura) e para ela pagar aluguel em outra casa até que a obra se conclua.

Tivemos retorno positivo por parte da FASC (Fundação da Assistência Social de Chapecó), representada pela Assistente Social. A partir deste mês de outubro a senhora receberá um valor determinado que será controlado pela Assistente Social para organizar suas pendências. E nós já contatamos com as famílias dispostas a ajudar. Priorizamos inicialmente os familiares que são arquitetos, engenheiros civis e que tem construtora ou casa de materiais de construção, para fazer um levantamento do que será necessário para obra. Após, reuniremos novamente para partilhar os dados e ver quais os próximos passos. Nossa previsão para a construção da casa é até o final deste ano letivo, pois assim como nós, eles também anseiam por vida digna.

Diante desse cenário, é patrimônio do bem comum, as práticas de justiça, respeito, colaboração, caminhos que diminuem as diferenças e estreitam os laços que educam e instigam a levantar a bandeira da paz e esperança.

CONCLUSÃO

A solidariedade não nasce de forma espontânea, é um valor a ser desenvolvido, alimentado a partir da comunhão de responsabilidades, implementando práticas em que é possível cultivar a esperança. Bem como, o ser humano não nasce solidário, mas vai desenvolvendo-se ao longo de sua vida, nas relações que estabelece com as pessoas que lhe são próximas. Para tanto, desenvolver o espírito de solidariedade é uma construção diária.

No sentido mais amplo do termo “Cultura da Solidariedade” estamos refletindo a respeito da própria vida. Mais do que atos de assistencialismo, criando laços de fraternidade, comunhão, cooperação que nos possibilite enxergar as pessoas mais desprotegidas com outros olhos. Ao se unir em prol de uma causa enaltecemos o coração como diz o profeta Ezequiel: “Tiramos de dentro do peito o coração de pedra e damos espaço a um coração de carne”. À medida que a cultura da solidariedade for ocupando os espaços nas vidas das crianças, dos jovens, das famílias, as condutas tendem a modificar-se.

Como comenta o Currículo em Movimento Projeto para a Educação Infantil (2007), pensar em conviver harmoniosamente neste planeta requer que sejamos cuidadores da espécie humana, respeitando cada um na sua individualidade e levando em consideração a diversidade do universo. É assim que estamos percebendo os alunos do 8º ano, críticos, envolvidos e comprometidos com a transformação social, gerando mudanças em suas próprias vidas, pois as nossas vidas como teias estão atreladas as vidas uns dos outros.

“A melhor forma de viver é reaprender a ver o mundo”. (Marleau-Ponty)

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo; MO SUNG, Jung. **Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança**. RJ, Petrópolis: Vozes, 2000.

COMISSÃO INTERNACIONAL DA PASTORAL JUVENIL MARISTA. **Evangelizadores entre os jovens**. V. 1. São Paulo: FTD, 2011.

PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO SUL: Setor de Pastoral. **Nossos valores um estilo Marista próprio**. 1ª Ed. São Paulo: FTD, 2010.

PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRO SUL. **Projeto Marista para o Ofício de Aluno**. 1. Ed. V. 7. São Paulo: FTD, 2010.

_____. **Projeto Marista para a Educação Infantil**. Currículo em Movimento. V. 2. São Paulo: FTD, 2007.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Projeto Educativo do Brasil Marista**: nosso jeito de conceber a Educação Básica/União Marista do Brasil. Brasília: UMBRASIL, 2010.

_____. **Revista Brasil Marista**. 3. Ed. fev./2011. Brasília: Ruah Editora.